



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

34

Certificado Nº 5750/78

PEÇA: A VIAGEM DE UM BARBEIRO

ORIGINAL DE ELISIA GATHEF

APROVADO PELA D.C.D.P.
CLASSIFICAÇÃO

LIVRE

VÁLIDO ATÉ 10.04 DE 1980

Brasília, 17 de AGOSTO de 1978


SÉRGIO NUNES
Diretor da DCDP

MLJ-D.P.F
CERTIFICADO DA D.C.D.F

Certifico constar no arquivo do registro da peça musical deste Serviço, o acionamento
da peça intitulada: A SINFONIA DE UM SARGENTO

Original de CELIA OSTRE
Tradução de _____
Adaptação de _____
Problema de CONTO DE TERNOS DOS CATOS PELADOS - RS
Requerido por JOÃO CARLOS ALMEIDA
Tendo sido arquivado em 15 de ABRIL de 1970 e movido
o registro classificado LIVRE, CONDICIONADO A CIAR DO INSTITUTO GERAL, O PRESENTE
CERTIFICADO SOMENTE TEM VALOR QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDENTE
TE ENTREGUE PELA DCM.

Brasília 17 de ABRIL de 1970

af

DPF-180


CARLOS A. MELIMARI DE CARVALHO

Chefe do Serviço de Cultura

A VIAGEM DE UM BARQUINHO



FOÇA REPRODUZIDA DO LIVRO "CINCO DIAS PARA TERÇO
INFANTIL" - (COLEÇÃO DAS FOLHAS PAREADAS DO COI
CURSO NACIONAL DE TERÇO PARA TERÇO INFANTIL); A
VEM EDITADO PELA EDITORA GRAPHEAR - PR - 1975 - POR
DAÇÃO TERÇO GRAIRA - CURITIBA - PARANÁ

A VIAGEM DE UM BARQUINHO

- Peça infantil de Sílvia Ortloff -



MININO

Min lugar todo branco. Aparece uma lavadeira
ra toda de branco. Ela vem com uma trouxa
à cabeça. Começa a preparar a roupa para
lavar. Toda a roupa, também, é branca.

LAVADEIRA - Vim lavar a minha roupa neste lugar. Minha roupa é
branca, e lugar também é branco... Eu não vejo nenhum
tiquinho de azul, cor de água de rio, ou de lagoa, pa-
ra lavar a minha roupa... Como é que vai ser?

LAVADEIRA: (lavadeira procura água) - Fede branco eu preciso mu-
to de um pouco de água azul! Reparem aí, eu volto já.
(Ela correando. Volta, em seguida com um longuíssimo
pedaço de pano azul).

LAVADEIRA - Pronto. Eu trouxe um segredo... Eu trouxe um segredo
de verdade! Isto aqui, (mostra o pano) é um rio de á-
gua azul. Um rio de brinquedo! Vou estender o meu rio
em voltas e voltinhas... até lá longe... lá longe, en-
de acabou os rios!

Vim lavar a minha roupa/com água para o sãão/ neste
rio de brinquedo/ que eu estendi neste chão/ Como a
água está gelada... Ahááá!/ vou acabar resfriada! A-
toááá! (Lavadeira começa a lavar a roupa cantando).

LAVADEIRA - Lava, lava, lava, lavadeira/ lavar roupa é boa brincan-
deira: (Ela)

(Ela mostrando as roupas, enquanto as lava.)

LAVADEIRA - Um vestido da princesa,/ as meias do senhor Prade/ e
uma touca de casa./ Uma cervela bordada/ do Rei Fe-
fência Anastácio/ de uma estória de fada! (Ela mo-
strando as roupas, quando aparece um menino, muito adoi-
do chorando muito)

LAVADEIRA - Menino, o que é isso?

Você está?

MININO - Não está, não!

LAVADEIRA - Você está com dor de barriga, unha encravada, espinho
no pé?

MININO - Não estou com dor de barriga, nem unha encravada, nem es-
pinho no pé! (Continua a chorar)

LAVADEIRA - Então, você não tem... e para chorar!



viagem:

LAVADEIRA - (Voltando) Eu já entreguei, no palácio, o vestido da princesa! Já entreguei as coisas do senhor Frade e agora lá toalha de mesa... Agora, vou certamente entregar as ceroulas do Rei Fernando Anastácio e volto logo! Até breve! (Sai)

MEINHO - Está certo!

LAVADEIRA - (Voltando) Juízo, ouviu?(Sai)

MEINHO - Cuid. Oi! Como é difícil viajar sem lavadeiras! Eu devia era ter escolhido uma nero-moça, que já sabe viajar e tem horário, e coisa e tal!

LAVADEIRA - (Voltando) Entreguei tudo, menos a ceroula.

MEINHO - O que é ceroula?

LAVADEIRA - É a avó da sueca! Antigamente, no tempo das fadas, as mulheres usavam ceroulas, que eram umas cuecas compridas como estas, aqui! Agora, os tempos mudaram... Foi trazer as ceroulas, já não existem mais estórias de fadas... O Rei Fernando Anastácio, sumiu! No lugar do palácio dele, está morando um tal de Super-Homem! E o palácio, agora, é todo em quadradinhos!

MEINHO - E o que tem isso? O Super-Homem é herói de estória em quadrinhos, ora!

LAVADEIRA - O que tem isso? Tem muita coisa! Fiquei sem saber o que faço com estas ceroulas!

MEINHO - Você pode vesti-las e se algum dia você encontrar o rei, você se volta!

LAVADEIRA - Boa idéia! Mas, a gente pode vestir o que não é da gente?

MEINHO - Mas o rei mudou... não deixou endereço.

LAVADEIRA - É verdade. Acha que vou vestir as ceroulas. Assim, se eu encontrar o rei pelo caminho, a gente explica, não é?

MEINHO - É. Vamos?

LAVADEIRA - Falta eu me despedir da minha casa e buscar a mala. Volta já. (Sai)

MEINHO - Será que a gente vai encontrar o meu barquinho? Será que o mar é muito cheio de perigos? (Suspira e espera, aflitíssimo, a volta da lavadeira.)

(ouve-se barulho de buzina. aparece a lavadeira apressada no carrinho fantástico, cheio de louças. No alto do carrinho, um ~~co~~ ^{co} de bola de universidade, bolas coloridas;



quinquilharias. De lado, uma buxina antiga.)

MENINO - Mas o que é isso?

LAVADEIRA - É a minha mala.

MENINO - Você vai viajar com tudo isso?

LAVADEIRA - Com tudo isso, parquinho. Eu leve só coisas supérfluas
as!

MENINO - O que são coisas supérfluas?

LAVADEIRA - Leve só coisas que as pessoas não precisam. Eu acho
lindo tudo o que chamam de supérfluos! Você já viu o
que as pessoas levam nem sabem? Elas levam só o neces-
sário.

MENINO - Minha tia, quando viajem, levam uma mala, com vestidos,
meias, sapatos... Aquilo que ela iria precisar!?

LAVADEIRA - Horrível! O que a gente não precisa, mas uma, isso é
que é lindo! Você já viu como é triste uma mala de via-
gem? Como é feia uma mala, aberta, com a roupa dobra-
da, apertada? Uma viagem deve ser uma festa!

MENINO - E aquela bola de aniversário, serve para quê?

LAVADEIRA - Ah, este bolo não é supérfluos! Ele é muito necessário!
Você já imaginou como deve ser horrível a gente encon-
trar alguém no casarão, que esteja fazendo aniversário
e não ter nenhuma bola? Seria muito triste!

MENINO - Lavadeira, você é maravilhosa!

LAVADEIRA - Menino, você é maravilhoso (abraçaram-se). Em frente!
Eu liço de Barco de Papel que faga para o mar cheio
de ondas e ventos e pedras e seguras e verdes e azuis
e... (Conseja a ficar sem ar).

MENINO - Respire!

LAVADEIRA - Não é que eu me esqueci de respirar? Eu estava tão en-
polgada...

MENINO - Vámo?

LAVADEIRA - Vámo! (Lavadeira liga uma vitrolinha de pilha que co-
meça a tocar, com solenidades)

MENINO - A vitrola engulhou!

LAVADEIRA - É... parece que está meio ruim, não é? Não, você sabe,
há um pouquinho que eu vou lá em casa buscar o minicassete e voltar já!

MENINO - Mas a gente já está começando a viajar... Não podemos vol-
tar!

LAVADEIRA - Só gente sem imaginação é que não pode voltar. Viva a
liberdade de ir... e vir... de ir... e de vir... (Vol-
ta)



e volta, sem parar). Isto é que é viver! Volta já!
(sai)

LAVADEIRA - (Voltando) Ir e vir! (sai)

MININO - A gente está perdendo tempo!

LAVADEIRA - (Voltando e procurando pelo chão) Perdendo tempo? Não! entou vende nenhum tempo perdido! O tempo não é da gente nem de relógio! (Voltando a sair e voltar) São demoras! Vou buscar o meu minicassete.

MININO - Esta lavadeira é diferente de tudo o que já vi... Talvez ela esteja certa! (Kicks no chão e começa a brincar de apanhar pedrinhas)

MININO - (Joga uma pedrinha e começa a pular) Ir... e ...vir! Agora, a casa número 2! Ir ... e vir...! Vou agora para a casa número 3... Ora! errei! Quase que a pedrinha caiu no chão!

(Aparece um ator com a máscara de sol. É um enorme sol cor de rosa.)

SOL - Bom dia, eu sou o sol! Muito prazer em conhecer você, que é um menino!

MININO - O senhor é o sol? É mesmo?

SOL - Mesmo de mesmo, mesmo!

MININO - Para!

SOL - O que foi?

MININO - Sempre pensei que o sol fosse diferente... Sempre pensei que o sol fosse amarelo!

SOL : Mas, eu mude de cor... Quando as coisas começam, eu sou cor de rosa, cor de madrugada. Hoje, entou na base do cor de rosa. Entendeu?

MININO - Não.

SOL - Que ditino! Quando a gente não entende, é que a gente aprende coisas novas. A gente fica sem entender, aí, começa a pensar ... pensar... pensar... e descobre coisas novas! Tenho muita pena das pessoas que entendem tudo... mas admiro as pessoas que não entendem. Você é um menino formidável! Entendeu?

MININO - Não!

SOL - Mas que menino genial! Ele não entende as coisas! Tem a cabeça cheia de dúvidas! Isto é muito importante e muito necessário!

MININO - Eu não entendo mesmo muitas coisas! Eu não entendo a motivação... e razão. Mas por quê e meu barquinho de papel fugiu? (Pausa) Amigo Sol, o senhor que vê tudo, por acaso viu um



berquinhos de papel fagindo para o sol?

SOL - (Começa a desajar e cantarolar)

Se vi... não posso dizer.../ não posso dizer... eu juro!/ Se eu contasse o que vieste/ seria um sol... "dedo-duro":

MEMINO - O senhor sabe, e não conta?

SOL - Sei de muitas coisas... e não conto! Faz parte da minha profissão de sol. Imagine só quantas coisas um sol vê, durante o dia! Se eu contasse tudo, seria um sol muito entretencioso. Bom, eu só vim conhecer você e desejar boas viagens! Até logo, até breve, até qualquer dia! (vai)

MEMINO - Até logo, amigo Sol Cor-de-Rosa! Gostei muito de conhecer o senhor! Boa viagem pela céu cheio de estrelas, néas e 'bertolotas, fagietes e anjinhos!

LAVADEIRA - (Voltando). Pronto, cheguei! Of! Trouxe a Matilde comigo, viu? (Mostra uma patinete)

MEMINO - O nome da patinete é Matilde?

LAVADEIRA - É. Eu acho que ela tem cara de Matilde. Antes de dar este nome, pensei em chamá-la de Isidora... Mas ela preferiu ser Matilde!

MEMINO - Ela fala?

LAVADEIRA - E você já viu patinete falar, menino? Ela pensa... e eu escuto o que ela pensa no meu minicassete!

MEMINO - Eu também quero ouvir o que a Matilde pensa! Deixa eu escutar!

LAVADEIRA - Então eu vou ligar o meu minicassete. Mas antes, você pergunta qualquer coisa para ela poder responder, está bem?

MEMINO - Que bem! Eu vou conversar com a patinete Matilde! Deixa eu ver... o que será que posso perguntar?... Ah, já sei! (Faz uma reverência para a patinete) Dona Matilde, quando foi anos a senhora tem? (ouve-se um som de louça quebrando, gritos e ruídos, etc.).

MEMINO - O que é isso?

LAVADEIRA - A gente nunca pergunta a uma senhora idosa quantos anos ela tem... Ela ficou gagueada, não é Matilde?

Voz do MINICASSETTE - Ih! Que gente chata! Fica perguntando bobagens! Vamos logo viajar... Vamos!

LAVADEIRA - Ouvir?

MEMINO - Ouvir. Pense, eu nunca pensei que Matilde tivesse tão mau gênio!

LAVADEIRA - É que ela está um pouco velha e irritada. Vamos?

- MENINO - Vamos! Vamos viajar! (No fundo branco, a lavadeira e o menino começam a desenhar a paisagem, enquanto viajam)
- LAVADEIRA - Veja que linda árvore!
- MENINO - Puxa! O caminho do rio é cheio de flores! (desenha flores)
 Como é linda a viagem!
 (Vão regulando viagem e menino agora, empurra e puxa e a lavadeira anda de patinete)
- LAVADEIRA - (indo para a frente e voltando, acompanhada do menino)
 Ir... e... voltar.../ sem hora de chegar.../ Ir...e... voltar/ pelo caminho do rio!
- MENINO - Vamos chegar ao mar!
 (Começam a cantar a música de "Onde está a Margarida").
- MENINO - Onde está o meu barquinho,/ olé, olé, olé? Onde está o meu barquinho,/olé, meus cavaleiros?
- LAVADEIRA - Ele foi pra seu casinho,/ olé, olé, olé/ Ele foi pra seu casinho/ pra chegar ao mar.
 (Aparecem dois cavaleiros. Um é verde, outro é azul.)
 Cada um, vem montado num cavalo de pau)
- VERDE - Meu nome é verde, monto num cavalo verde e seu casinho é verde!
- MENINO - Puxa, quanto verde!
- LAVADEIRA - Quando este verde amadurecer... Que beleza!
- AZUL - Eu sou o cavaleiro azul! Monto num cavalo azulão e ao gosto de todo azul!
- MENINO - Os senhores são muito coloridos e interessantes. Eu, sou cor de pele, minha calça é cor de calça, empurro um carro que é azul, cor de biquinho!
- LAVADEIRA - E eu, sou cor de lavadeira, uso roupa branca, ceroulas de rei... e ando na minha patinete veloz, na busca de um barco que fugiu pro mar e... deixou este menino triste ... e aí resolveu viajar e... aí vi... aí, vi... aí, aí...
- MENINO - Lavadeira, você esqueceu de novo de respirar! Respira! Respira! senão você sufoca!
- LAVA DEIRA - Uf! É mesmo! Eu sou muito distraída! Fiquei tão espalhada, de contar a nossa história, que esqueci outra vez de respirar!
- MENINO - Esses cavalos são de verdade?
- VERDE - Eles não de brinquedo!
- LAVADEIRA - Então, eles devem ser príncipes do meu rio, ele também é de brinquedo!



(ouve-se um som muito agitado de minicassete)

MENINO - Que barulho é esse?

LAVADEIRA - Matilde está querendo dizer alguma coisa. Vamos ouvir;
no minicassete e que dia a minha bela patinete!

(ligam o minicassete)

VOZ DE MATILDE - Que lindo cavalo verde! Aho que estou apaixonada!
Quero viajar com ele!

LAVADEIRA - Corriu?

ANIL - O que foi?

LAVADEIRA - A voz da minha patinete é encantada. Ela fala por este
minicassete aqui, sabe? Ela está apaixonada pelo cava-
lo verde!

VERDE - Pelo meu cavalo? E agora?

VOZ DA MATILDE - Eu quero viajar junto com o cavalo verde! Eu que-
ro e quero e quero!

VERDE - (Começa a pular como se o cavalo estivesse muito bravo).

Ui! Ui! O meu cavalo está impossível! Ui! Ai! Eu vou cair!
do meu cavalo!

ANIL - Vamos fazer a vontade delas. Você monta comigo neste cavalo
e deixamos o cavalo verde seguir viagem com a Matilde.

VERDE - Vejamos, o cavalo se acalmou! Ele quer viajar junto com a pa-
tinete Matilde!

LAVADEIRA - Foi amor à primeira vista! Menino, você monta o cavalo
verde... se o dono deixar, é claro!

VERDE - Eu não sou dono do meu cavalo... Eu sou amigo dele. Se eu
quer ficar com a patinete Matilde, que seja, felizas.

(Vem para o cavalo azul, e ficam as duas montadas no car-
ro azul. O menino monta o cavalo verde.)

VERDE - Adeus! Que o cavalo verde seja muito feliz com a patinete
Matilde!

ANIL - Adeus! (Seta)

MENINO - Como o mundo é cheio de surpresas! Veja! Matilde parece
muito feliz! E o verdinho também!

LAVADEIRA - Em frente! Marcha!

MENINO - Como é que eu vou montar o cavalo e empurrar o carrinho?

LAVADEIRA - Vamos botar o cavalo e a Matilde no carro. Assim elas
podem conversar. E nós empurraremos!

VOZ DA MATILDE - Oh! Como sou feliz! Sou a mais feliz das patinetas!
(Colocam a patinete e o cavalinho no carro e com-
çam a empurrar.)

MENINO - Eu, do/a, feijão com arroz!



.....

LAVA DEIRA - Três, quatro/ é bom e barato.

MININO - Cinco e seis/ com molho inglês!

LAVADEIRA - Sete e oito/ comendo biscoito!

MININO - Nove e dez... (Um dez palm na ris!)/ Molhamos os pés!

LAVA DEIRA - Ai, como a água está gelada! Atchimi!/ Vou aquecer reedra
ada! Atchimi!

(Aparece um sapo)

SAPO - Queei!

MININO - Veja, um sapo!

SAPO - Queei! Veja, um menino!/ É uma lavadeira/ com muita bagagem/
seguinte viagem/ Queei! Ai, que bobagem!

MININO - Um sapo que fala!

SAPO - Um menino que fala!

MININO - Mas menino, fala, sapo, não fala!

SAPO - Este é o ponto de vista dos meninos. O ponto de vista dos
sapos, é diferente! Eu sou sapo e falo, falei e dissei!

MININO - O senhor é sapo de nascença?

SAPO - Não. Eu sou sapo naturalizado. Sabe o que é?

LAVADEIRA - Explica para a gente. O que é naturalizado?

SAPO - Se você nasce no Reino do Pag de Conta e vem para o Brasil
e quer ser brasileiro, aí, você se naturaliza brasileiro.
Quer dizer, você é Pag de Conta de nascença e brasileiro
naturalizado.

LAVADEIRA - O senhor nasceu no Reino do Pag de Conta, é?

SAPO - É. Eu nasci lá e fui rei de uma estória de fada. Aí, apare-
ceu um Super-Romão grandão, que viajava, muito trigueiro, dissen-
do que era herói de estórias em quadrinho. Ele deu um super-
rão e foi morar nas minhas estórias, ditando que os tempos
tinham mudado.

MININO - E aí?

SAPO - Eu fiquei descontente... Queei! Mudei para este Rio e resolvi
me naturalizar sapo.

LAVADEIRA - Como era o seu nome de rei?

SAPO - Era rei Pafíncio Anastácio.

LAVADEIRA - Achei, achei! Viva! Achei o dono das ceroulas bordadas!
Vou devolvê-las! A Pafíncio, o que é de Pafíncio!

(A lavadeira quer devolver as ceroulas, mas o sapo não
aceita.)

SAPO - Não ficar com elas. É uma das vantagens de não ser rei. Um
rei, tem que usar ceroulas e um sapo, pode andar de lua-lua
no voo! 'Ella é livre!



Sabe, as pessoas são esquisitas... De vêm alguém falando, coisa feio. Mas se vêm um sapo de coréulas acham ridículo! Vivendo e aprendendo, como diz a minha mulher em pa, que já foi até rainha das Sete Reinas... Vivendo e aprendendo e ... mudando! Ah! Queco! E por falar nisso, está na hora de eu jantar com a minha sapa! Acene!

MININO - Espere!

SAPO - O que é?

MININO - O senhor viu passar um barco de papel por este rio?

SAPO - Vi. Ele foi por esta direção! Ia com uma prego! Queco! (Sai o sapo)

MININO - Será que o meu barquinho vai saber enfrentar o mar?

LAVADEIRA - Não se preocupe, nós vamos encontrar o barquinho. (Pega sa. Amotona) Ih, está amolecendo!

MININO - Que frio!

(ouve-se o sapo cantar, tipo cantar de ópera)

VOLTE DO SAPO - Canto... e a sapa que eu amo tanto/ não se coraça,/ está dormindo... Canto, e tufim...

MININO - O que é isso?

SAPO - (Voltando) Sou sa, ora bolas! Você não que está frio? (Canta) Sapo curará/ na beira do rio/ quando o sapo canta, senão/ é porque está frio!

(Sai cantando: "Canto, e a sapa que eu amo tanto...")

LAVADEIRA - É, o sapo tem razão, está frio, ele canta. E contra em caro, a gente tem que acender uma luz... Ih, eu não trouxe lanterna! Você trouxe?

MININO - Não trouxe. E agora? O escuro vai chegar! E agora?

LAVADEIRA - Eu tenho uma idéia! Eu tenho uma idéia! Oba! Oba! que' boa idéia!

MININO - Bega, diga depressa!

LAVADEIRA - Vou acender o bolo de aniversário! Vai ficar lindo!

MININO - Para, que lindo! Vamos iluminar o escuro com um bolo de a aniversário!

LAVADEIRA - Mas este bolo, é envenenado! Ele só acende, se você com er Parabéns pra você e coisa e tal! Ele é um bolo mu to festivo, sabe?

MININO - Então vamos cantar! Vamos cantar juntos e bem alto, fazer uma festa e espantar o escuro e ficar feliz, feliz, feliz! Parabéns pra você, /esta data querida/ muitas felicidades/ muitos anos de vida!

LAVADEIRA - Sim! Sim!



(Cantam novamente pedindo a participação das crianças.
O bolo é aceno. Aparece o pirilampo, com uma lanterna
rua que pisca, verde).

LAVADEIRA - Oi, boa noite, seu Pirilampo?

PIRILAMPO - Boa noite e muito obrigado pelo bolo, mas, como é que
você sabia que hoje se completa seis anos de idade?

MENINO E LAVADEIRA - Parabéns para o pirilampo/ nesta data querida/
muitas felicidades/ muitos anos de vida/ Via-
va o Pirilampo!

PIRILAMPO - (Comendo um pedaço do bolo e cuspiando) Ih, este bolo é
de quê?

LAVADEIRA - É um bolo de mentirinha, sabe? Um bolo de papaião! É de
fim de conta... pode ter todos os sabores!

PIRILAMPO - Então vamos comer de mentirinha!

MENINO - (De lambe-lambe, em silêncio) O bolo é de chocolate com cre-
me:

LAVADEIRA - Meu pedaço é de morango, e tem um pouco de baunilha e
um monte de sorvete... Hum! Que delícia!

PIRILAMPO - Sé, sobre bolo de espinafre com geléia de abacate, sal-
picado com... com... vinagre! Hum... que delícia!

LAVADEIRA - Cada qual tem o seu gosto,/ tudo pode ser gostoso,/ '
chocolate ou espinafre/ ou sorvete bem cremoso!

(Música de cordões e belicões)

(Sem brincar de roda. Pouco a pouco, vai chegando o '
ano).

PIRILAMPO - Pasa, que festa maravilhosa! Comer e beber de mentiri-
nha, é muito gostoso! Uf! Paf! estão cansados! (Doejando) Aho que
vou para casa e ... muito obrigado, parabéns para mim,
nesta data querida, muitas felicidades, muitos anos de
vida! Até logo! (Tapa o bolo)

LAVADEIRA - São também vamos dormir. Boa noite!

MENINO - Boa noite e muitas felicidades! Pode levar o bolo, via Pi-
rilampo?

PIRILAMPO - Obrigadinho! E vou apagar a lanterna, também, para vo-
cês dormirem bem. Boa noite! (Sai)

(Lavadeira e menino deitam no chão e adormecem. Lava-
deira ronca, menino suspira, enquanto dormem.)

MENINO - (Sobando) O meu barquinho fugiu para o mar...

(Aparece um personagem misterioso, todo vestido de brilho
de prata. Anda de leve, arrastando as pernas).

PERSONAGEM - Deixa, menino,/ que é noite de luar,/ um manto de es-



trêças/ vai se agasalhar! (Cobre o menino com o manto)
Eu trouxe uma estrela/ eu trouxe um luar/ eu trouxe um
sininho de prata pra tocar... (Toca o sininho)

MENINO - Lavadeira! acorde! Veja! Tem uma coisa brilhando aqui, coi-
sa de brilhos e sinos!

LAVADEIRA - Será algum astronauta?

PERSONAGEM - Boa noite, amigos. Eu sou o Senho do Barquinho de Pa-
pel.

MENINO - O senhor é o Senho do meu barquinho?

PERSONAGEM - Sou.

LAVADEIRA - Puxa, que senho importante, para um barquinho de pa-
pel! Quanto brilho!

MENINO - Quer dizer que o meu barquinho sonhava com tudo prateado,
assim?

PERSONAGEM - Seu barquinho sonhava com uma mar de prata, ao luar,
e com pérolas do mar, brilhos e reflexos...

LAVADEIRA - Que bonito! Se quer sonhar assim, mas com lavadeira, '
só sonhe com máquina de lavar roupa...

MENINO - E onde está o meu barquinho?

PERSONAGEM - Ele está navegando no brilho do mar e a sua liberde-
de de ser barquinho.

MENINO - Mas ele era meu... Ele fugiu de mim!

PERSONAGEM - Como é que alguém pode ser dono da liberdade do outro?
Como é que você pode dizer que esse o seu barquinho e '
querer que ele seja seu? Ele é das ondas... talvez...
mas as ondas vão e vêm.

MENINO - Mas eu gosto do meu barquinho!

PERSONAGEM - Ele também gosta de você... mas ele seguiu o seu cami-
nho. O mar é o caminho das rias e dos barcos.

MENINO - Eu acho que estou entendendo...

LAVADEIRA - Quer dizer que não se deve forçar o barquinho a voltar
com a gente, é isso?

PERSONAGEM - Eu sou apenas um senho. Vocêa vão saber, quando che-
gar a hora... (Personagem toca o sino e sai)

LAVADEIRA - Será que foi um senho?

MENINO - Ele disse que era um senho.

LAVADEIRA - Se ele era o senho do barquinho... talvez o barquinho
já esteja por perto! Vou perguntar ao Manequinho! (Vai
para o canto e pega um fantoche de vara) Manequinho,
responda para mim, como é o seu nome todo? (Lavadeira



mae de vos, falando pelo boneco) Meu nome é Manequinho
dos Ventos e Barcos e Ventanias!

MEINHO - Manequinho, você via seu barco de papel?

BONCO - Sim, com certeza, certamente, na corrente, sim eu vi. Ele
está chegando, pelo lado do mar... Cresceu, virou um bar-
co grande, cheio de vento e grandura. Veio pela corrente-
za. Veio chegando e chegando e chegando e chegando e...
'chegando... quase... quase... (Fala como locutor de fute-
bol) aponta a direção para os companheiros, vai correndo
pelo campo e... Goooooooooooool do Barquinho!
(Aparece o Barquinho)

MEINHO - O Barquinho chegou! Goooooooooooool do meu Barquinho! Achei
o meu barquinho! Goooooooooooool da felicidade!

LAVADEIRA - Obrigada, Manequinho! Viva! Festa! Goooooooooooooooooooool do eu
contro de Barquinho com a seleção da lavadeira, do me-
nino e da torcida! Palmas para o Barquinho!
(Silêncio)

MEINHO - Puxa, você cresceu!

BONCO - Você também!

MEINHO - Nós estávamos viajando à procura de você... você fugiu de
mim, não é?

LAVADEIRA - O menino estava tão triste...

MEINHO - Mas como você cresceu!

BONCO - Foi a liberdade do mar... muito sol... muito vento... muito
peixe...

LAVADEIRA - Ieto aqui, já é o mar?

BONCO - É o mar... mar-oceno. bonito, não é?

LAVADEIRA - (Corre para o carrinho, tira uma bôia, pé de pato, e-
quipamento de mergulho e faz o menino usar. Ela também
usa).

LAVADEIRA - Puxa a bôia, menino... Cuidado! O mar-oceno tem onças
e corais, peixes e maravilhas!

MEINHO - Quer dizer que o rio já desaguou no mar? Então vouse guar-
dar o rio!

(Os três enrolam o rio)

LAVADEIRA - Mas que barco educado!

BONCO - E agora?

MEINHO - Você vai voltar conosco, não é?

BONCO - Mas... Vocês guardaram o rio... Como é que eu posso voltar?

MEINHO - Lavadeira, ele tem razão. Sem o rio, ele não pode voltar!

LAVADEIRA - É, mas, vou desamarrar o rio. Vamos?

MEINHO - Va... muito trabalho!



BARCO - É rio de água doce, é?

LAVADEIRA - É doce que nem goiaba...

BARCO - Eu... só gosto de água salgada!

LAVADEIRA - Menino, não lá no carrinho e veja se eu trouxe o sa-
leiro!

(Menino procura, acaba encontrando)

MENINO - Achei o sal!

LAVADEIRA - Vamos temperar o rio para ele ficar no gosto do barqui-
nho.

BARCO - Muito obrigado, mas cuidado senão ele fica muito salgado!

LAVADEIRA - Menino, pega uma colher de pau para eu mexer o rio, sim?

MENINO - Fronto, aqui está!

(Lavadeira mexe o rio, põe sal, tempera)

BARCO - Posso experimentar?

LAVADEIRA - Pois não, veja se está no ponto!

BARCO - (Põe o dedo dentro do rio, depois lambe o dedo. experimenta-
vando) Desculpem, mas vocês trouxeram um pouco de pimenta?
O rio ficou meio sem gosto...

LAVADEIRA - Salte a pimenta! (para as crianças) Este barco está ri-
cando um pouco salgado, vocês não acham?

MENINO - Com sal e pimenta/ vamos temperar

LAVADEIRA - Um rio de brinquedo/ pro barco navegar...

BARCO - Um rio de brinquedo/ eu quero passear/ com voles de vela-
ro/ ao vento vou brincar!

LAVADEIRA - Tudo que far de água/ ao rio vou jogar!

MENINO - E tudo o que for bonito/ vou deixar cair ao mar! Um bolo
de mentira/ e bolas de sapo/ dois cavalos marinhos
(joga os cavalos de pau) também vão para o mar!

LAVADEIRA - Que agora, neste instante,/ eu compreendi o veleiro/
barquinho-vento e acho não toco o seu roteiro!

BARCO - Meu barco de brinquedo/ igual ao rio e ao mar/ igual ao
vento claro que me faz navegar!

MENINO - Barquinho, será que você quer mesmo voltar conosco? De re-
pente, comecei a pensar que estando tirando a sua liberdade
de ir e de voltar, de viajar por águas de crente, de
brincar com ondas lindas, todas estas coisas que você ve-
lo conhece...

BARCO - Eu vim conhecer. Agora já conheço. Agora estou com vontade
de voltar...

MENINO - De voltar conosco?

LAVADEIRA - É - que você quer mesmo?



MARCO - Quero. Eu quero voltar... e quando me der vontade de vir para o mar, você não fica aflito... Sabe, tu sou um va leiro, e de vez em quando sinto falta das coisas que estão longe.

RENINO - Quer dizer que você quer voltar porque o longe, agora, é onde nós morávamos?

MARCO - Talvez. Vamos viajar?

RENINO - Ao rio de voltar!

LAVABEIRA - Ao rio de lavar roupa/ com água e sabão/ ao rio de trincheira/ que estende pelo chão!

(Menino pega uma conseqüência e um canudo e faz bolinas de sabão)

MARCO - Ao rio, ao barco, ao longe!

(Aparece uma fada-princesa)

MARCO - Veja... apareceu uma pessoa linda!

RENINO - Quem é a senhora?

LAVABEIRA - Que bonita!

FADA-PRINCESA - Tu sou a fada-princesa que aparece no final da estória de príncipe!

RENINO - Que príncipe?

FADA-PRINCESA - O príncipe que queria casar contigo!

MARCO - A senhora está falando de coisas que não aconteceram nessa estória!

LAVABEIRA - Nessa estória, aparece um sol...

RENINO - (Desenha pelas paredes com giz) Um sol...

LAVABEIRA - E coisas de rio e de mar...

RENINO - (Desenhamos um barco) Coisas de barco...

FADA-PRINCESA - Eu acho... eu acho que está inventando um engano... (Pega um caderninho de endereços e lê) Aqui não é Rua das Laranjeiras, mistro das laranjas, apartamento das tangerinas?

RENINO - Aqui é um lugar sem endereço.

MARCO - É um lugar de coisa e tal, sabe?

FADA-PRINCESA - Será que eu me enganei de estória? Oh, que cabeça, a minha! Ainda tão confusa...

MARCO - Acho que a senhora se enganou de estória. Ou, quem sabe, a senhora escolheu uma estória... mas esqueceu de lembrar que as estórias é que escolhem a gente!

FADA-PRINCESA - Se eu me enganei de estória, o que eu faço com a meu vestido?

LAVABEIRA - O - - tem o seu vestido? Está branco, engonado e lava



...
dinho! Um linde vestido! Quando ele saíra, eu quero lavar este vestido com água de nil e pendurar este pé-me todos num varal, e deixar enfeitando a paisagem com ele!

FADA-PRINCEZA - É um vestido de noiva... era para casar com o príncipe da outra estória!

BARCO - Já que a senhora erra de estória, erra e pronto. Agora, fica conosco, está bom?

FADA-PRINCEZA - É o príncipe?

MEMINO - Príncipe? Já era! Ele vai acabar casando com uma bruxa de neve ou Cinderela, ou qualquer enjoadinha assim.

LAVADEIRA - E vai até cometer a infelicidade de "ser feliz para sempre".

FADA-PRINCEZA - E ser feliz para sempre, não é bom?

BARCO - É muito chato! Ser feliz para sempre, me lembra chinelo, ser de barro quando chove e dia de chuvinha final! Ser feliz é coisa de repente, é coisa de viagem, festa, maravilha! Fica conosco... venha viajar!

MEMINO - E se a senhora fizer muita questão de casar, pode casar com o Barco...

BARCO - Eu quero casar só a senhora... aí teremos festas e cores, muitos filhotes barquinhões de papel, com jeito de fada e de príncipes!

FADA-PRINCEZA - Oh... oh... aceito, pronto! Foi amor a primeira vista! Esta estória é muito bela e eu feliz... agora. Você é um veleiro maravilhoso... meu barco, minha viagem, minha maravilha!

LAVADEIRA - É festa de casamento! Festa de Casamento! Viva a felicidade deste momento! (Veste uma roupa de juiz) Senhor Barco de Papel, aceita esta Fada-Princesa em casamento?

BARCO - Aceito! Oh, como sou feliz!

LAVADEIRA - E a senhora aceita este Barco de Papel para viajar com ele a viagem de lua de mel?

FADA-PRINCEZA - Aceito... ora, com muito prazer!

MEMINO - A Fada-Princesa e o Barco de Papel estão casados!! É festa! Viva! Viva!

(Memino pega um pente e um pedaço de papel de seda e começa a tocar a maraca nupcial).

LAVADEIRA - Não existe coisa mais bonita para enfeitar uma festa, do que um varal! Vamos fazer um varal cheio de roupas de papel... e "brincar de ser feliz"!



(Pega algumas crianças na platéia. As crianças seguem pedações de fita, coloridas. Com pregadeiras, a lavadeira e o resto do elenco, prega roupas recortadas de papel no varal).

SOL - (Entrando) Um varal... que bonito!

FADA-PRINCESA - Ih, o sol está muito perto... vai queimar o nariz das crianças! (Pega um viciinho de creme branco de bronzear e passa no nariz das crianças.) Pronto! Assim, vocês não vão ficar de nariz vermelho! O sol está muito forte!

SOL - Viva o Barco de Papel! Viva o Rio de Flanela!

MININO - Viva o creme no nariz... (Aponta uma criança.) Olha só a cara dela!

LAVADEIRA - Viva a nossa Brincadeira!

FADA-PRINCESA - Viva a Dona Lavadeira!

BARCO - Neste mundo de astronautas/ de foguetes pelo céu/ sempre pode haver viagens / de barquinhas de papel!

(Lavadeira corre para o carrinho, pega foguetes de papel, barquinhas, papel picotado, e joga pela criança).

LAVADEIRA - Neste mundo de astronautas de foguetes pelo céu, sempre pode haver viagens de barquinha de papel!

.....55555.....

